



5 Sugestões Para receber as crianças



Para complementar a *História do Pequeno Reino* e as 20 *Discussões Pedagógicas* que a acompanham, é importante falar um pouco sobre uma questão que é básica para todo o trabalho educativo: a da separação da criança de sua família e de sua adaptação a um novo ambiente.

Quanto menores forem as crianças com as quais você trabalha, maior deve ser a preocupação com uma boa adaptação, principalmente no começo do ano.

Essa é uma preocupação tão básica que, em nosso trabalho de qualificação de educadoras, no Projeto Araucária, as cinco sugestões que compõem esta seção da proposta eram discutidas antes mesmo da leitura da *História do Pequeno Reino*.



Ao contrário dos pequenos Súditos, que vivem no castelo do Pequeno Reino, as crianças que recebemos ficam conosco apenas uma certa parte do tempo, pois vivem com suas famílias.

Sabendo dessa diferença, é importante lembrar que para muitas crianças não é fácil deixar a sua casa e ingressar no "mundo" da creche, do jardim de infância e até mesmo de uma sala de pré-escola, de 1º, de 2º ou de 3º ano.

As crianças são muito apegadas aos seus pais e ao mundo de sua casa, e esta separação da família e a adaptação a um novo ambiente pode ser difícil, ainda mais se levarmos em conta que, nesse novo ambiente, a criança é apenas mais uma em meio a várias outras, disputando a atenção de adultos que ela ainda não conhece direito.

Não é raro vermos crianças que choram quando são deixadas conosco, ou que se agarram a um brinquedo ou a um paninho que carregam sempre consigo, e que se recusam a participar de qualquer atividade durante o dia todo. Antes que essas crianças se sintam bem e seguras nesse novo ambiente, será difícil que elas comecem a explorá-lo e a participar de brincadeiras com as outras crianças.

Muitas vezes, essas situações são superadas pelas próprias crianças depois de algum tempo. Aos poucos, elas começam a se acostumar com os adultos e com a nova rotina, a brincar com outras crianças e a participar de uma série de atividades, como ouvir histórias ou cantar.

Já algumas crianças levam mais tempo para se adaptar e podem não aproveitar bem o tempo que passam conosco porque estão sempre ansiosas e inseguras.

Nós vamos ver agora algumas ideias sobre o que pode ser feito para facilitar a adaptação das crianças e para ajudá-las a se sentir à vontade e em segurança conosco. Você verá que apresentamos ideias simples, e é bem possível que muitas delas não sejam nenhuma novidade para você...



Para simplificar a apresentação das ideias, dividimos nossas sugestões em cinco itens, que são os seguintes:

Sugestão 1: Procurar aumentar os contatos com as famílias das crianças.

Sugestão 2: Tratar cada criança como alguém especial.

Sugestão 3: Permitir que as crianças chupem o dedo e que usem chupetas, paninhos ou seus brinquedos favoritos, nos momentos de insegurança.

Sugestão 4: Todos os funcionários podem ser amigos das crianças.

Sugestão 5: Incentivar as interações entre as crianças.

Cada uma das cinco sugestões oferece uma série de ideias e você é que decidirá quais delas podem ser úteis ou não, como e quando experimentá-las, fazendo todas as adaptações e modificações que achar necessário.



É claro que existem muitas outras coisas que podem ser feitas para facilitar a adaptação das crianças, e nós apresentamos nessas cinco sugestões algumas ideias, que estão longe de tratar de todas as questões importantes para a adaptação das crianças.

Por exemplo, nós não falamos quase nada sobre o que pode ser feito com as crianças retraídas ou agressivas demais, nem sobre questões como a da aprendizagem dos hábitos de higiene e do controle das funções orgânicas.

Muitos outros assuntos importantes, principalmente para quem lida com crianças pequenas, não são abordados nas nossas 5 sugestões.

Nós pretendemos, aqui, dar apenas algumas ideias de princípios gerais, que podem ser importantes em qualquer situação:

- Buscar o diálogo com as famílias.
- Respeitar a criança, seus jogos, o que diz, suas iniciativas.
- Procurar atender a suas necessidades de consolo e de compreensão.
- Ter atitudes de incentivo e de confiança para com cada criança.
- Valorizar as conquistas.
- Procurar respeitar as diferenças nos ritmos entre as crianças.
- Incentivar as interações entre elas.



Para concluir, podemos afirmar que a criação de um clima de confiança, em que as crianças se sentem seguras com os adultos e entre si é a base indispensável de todo o trabalho educativo.

As crianças que se sentem seguras e confiantes estão mais abertas e motivadas para viver novas experiências, para brincar e para explorar.

Como aproveitar esse desejo enorme de brincar, de explorar, de conhecer, que aparece quando conseguimos criar um bom clima para as crianças?

É o que nós tentamos mostrar ao longo dos 20 capítulos e das 20 discussões desta proposta que, como esse pequeno bloco de sugestões, poderão ser sempre percorridos novamente, em busca de ideias que você poderá adaptar e experimentar no trabalho educativo com as suas crianças.

Vamos às nossas 5 sugestões para receberem bem as crianças:



Sugestão 1

Procurar aumentar os contatos com as famílias das crianças

Quando existe diálogo e amizade entre os educadores e as famílias, a adaptação das crianças é facilitada e todo o trabalho educativo ganha um impulso especial.

Por isso uma sugestão básica é a de procurar sempre o diálogo com as famílias das crianças.



As crianças ficam mais motivadas quando sentem que existe uma certa intimidade entre seus pais e os adultos da creche (ou outra instituição). Simplesmente **conversar com os pais na frente das crianças** pode facilitar sua adaptação.



Muitas vezes, podemos descobrir, conversando com os pais, coisas interessantes sobre as crianças e suas famílias, explicações para suas dificuldades, informações sobre suas preferências e uma série de outros fatos que nos ajudam a conhecer melhor cada criança e que também permitem aumentar a confiança dos pais em nós.



Na hora da **entrada** das crianças, você pode convidar algumas mães, principalmente de crianças que parecem estar achando difícil a separação, para que entrem na sala com a criança. Isto pode ser repetido por vários dias, principalmente no início do ano. Muitas vezes a criança, nesse tempo a mais que fica com a mãe, já começa a brincar com outras crianças e a mãe pode ir embora tranquila.

Algumas vezes, os regulamentos ou os diretores de uma instituição não permitem o acesso dos pais para além do portão de entrada. Porém, os efeitos positivos de se permitir que os pais entrem um pouco com as crianças podem ser tão grandes, aumentando o envolvimento dos pais e facilitando a transição para as crianças, que nós sugerimos que as ideias e os regulamentos que não permitem esse tipo de situação sejam revistos.

Outras medidas podem ser pensadas para aumentar o acesso dos pais e permitir que eles permaneçam algum tempo com seus filhos. Por exemplo, em locais com berçários, as mães que quiserem podem vir amamentar seus bebês.

Em lugares com espaços amplos, podemos organizar datas especiais em que os pais ficam brincando com as crianças e conversando entre si. Quanto mais novas as crianças, mais essas chances de brincar com outras crianças, podendo, se quiser, buscar o carinho e a proteção da mãe (ou do pai), podem ser importantes para facilitar a sua adaptação a um novo lugar.



Podem ser organizadas reuniões periódicas com os pais, para discutir a evolução das crianças e outros assuntos. Também festas comunitárias e outros eventos (como, por exemplo bingos para arrecadar dinheiro ou o lançamento de um livro feito pelas crianças) podem ser realizados com a participação dos pais.

Todos esses eventos, assim como os encontros que acontecem no dia a dia entre pais que vêm trazer ou buscar as crianças, também são úteis porque podem servir para aumentar o diálogo entre as famílias, favorecendo a descoberta de problemas e de interesses comuns.



Sugerimos conversar com os pais sobre o tipo de trabalho que é desenvolvido com as crianças. Podemos procurar sensibilizá-los para que valorizem as conquistas das crianças e coisas como os desenhos que elas levam para casa. Isso é importante, entre outros motivos, porque nós sabemos que, quando os pais se interessam pelo que as crianças fazem, elas se sentem muito mais motivadas.

Infelizmente, nós também sabemos que existem casos em que raramente vemos os pais das crianças ou em que eles não demonstram interesse pelo que suas crianças fazem quando estão conosco. Esses pais podem fazer coisas como rasgar e jogar fora os desenhos que seus filhos levam para casa, mostrando, por meio desse tipo de atitude, desinteresse e falta de sensibilidade em relação à criança. Além de tentar dialogar com esses



pais, o melhor que podemos fazer, nesses casos, é dar bastante atenção para as crianças e buscar ouvi-las, incentivá-las, estimulá-las a brincar e valorizar suas produções, para que elas saibam que, nesse novo lugar, elas são respeitadas.



É bom lembrar também que as crianças sempre aprendem muitas coisas quando estão com seus pais, observando-os, dialogando com eles, participando de atividades como ir às compras, ajudar a cuidar de um bebê, colocar a mesa, etc. Ao longo dos 20 capítulos e das 20 discussões desta proposta, fazemos uma série de sugestões que nos permitem aproveitar, em nosso trabalho educativo, os conhecimentos e as experiências que as crianças adquirem com seus pais.



Resumindo

Esta é uma ideia fundamental e muito simples: é importante ampliar cada vez mais os contatos com e entre as famílias, procurando sempre aumentar o seu envolvimento e interesse pela educação de suas crianças.



Sugestão 2

Tratar cada criança como alguém especial

Uma criança pode não achar nada fácil deixar a sua família para ir para um lugar em que passa a dividir com muitas outras crianças as atenções de adultos que ela ainda não conhece bem. A criança pode se sentir perdida e desvalorizada se, nesse novo ambiente, ela não for tratada com carinho e como alguém que é importante para essas novas pessoas que entraram em sua vida.

Assim, receber bem as crianças e estar sempre atento para suas necessidades de dialogar com um adulto torna-se uma outra ideia simples e básica. Aliás, as pessoas que trabalham em locais como creches já sabem disso há muito tempo, e procuram normalmente fazer o possível para que as crianças sejam bem recebidas, conversando carinhosamente com elas, consolando as que choram, propondo brincadeiras, etc.



Os bebês de poucos meses (e até de poucos dias) podem sentir um grande prazer ao ouvir a voz de sua mãe, de seu pai ou de outro adulto querido.

Alguns psicanalistas, dentre os quais se destaca a francesa Françoise Dolto (1908-1988), recomendam que, quando alguma situação difícil aparece, os adultos conversem carinhosa e honestamente com os bebês. Assim, por exemplo, no momento em que o bebê é deixado conosco pela mãe, você ou a mãe podem conversar com ele, explicando claramente para ele que a mãe irá sair agora, mas virá buscá-lo no fim da tarde, que ela tem de ir trabalhar, mas que gosta muito dele, etc. A própria sonoridade da voz do adulto e o contexto de carinho e compreensão em que ela é pronunciada são extremamente benéficos para o bebê, ajudando-o, no nosso exemplo, a superar a dificuldade causada pela separação da mãe.

Não é raro que uma mãe também fique aflita ao se separar de sua criança. Incentivá-la a conversar carinhosamente com a criança, mesmo que ainda seja um bebê, sugerir que ela explique honestamente a verdade, pode ser bom não apenas para o bebê, mas para a própria mãe.



Quando a criança está junto com todas as outras do grupo, ela pode se sentir meio perdida. Ouvir você dizer o seu nome irá ajudá-la na tarefa de construir sua identidade. Mesmo as crianças muito pequenas podem ter sempre a experiência de **ouvir seu próprio nome** e essa é uma ideia que você pode incorporar naturalmente em suas interações com as crianças.



Além de falar os nomes das crianças, também podemos escrevê-los. Por exemplo, ao chegar na sala, de vez em quando, cada criança pode ter o seu nome escrito em grandes letras ao mesmo tempo em que é falado. A criança, mesmo muito pequena, tem assim a chance de perceber que ela existe não apenas pela voz do adulto, mas também pelo gesto que deixa traços no papel...

Também é possível que a sala tenha cabides ao alcance das crianças, em que os seus nomes estejam escritos e nos quais elas possam pendurar seus casacos, mochilas e outros objetos.

Também pode ser colocada, junto com cada nome escrito, uma fotografia da criança ou um desenho feito por ela.

Além de servir para valorizar a individualidade de cada criança, os nomes escritos também podem ser uma das primeiras experiências significativas das crianças com o mundo da linguagem escrita. Em outros lugares dessa proposta, especialmente na **Discussão 6**, são feitas mais sugestões sobre como aproveitar os nomes escritos no trabalho com as crianças.



É muito importante que cada criança tenha chances de, pelo menos por algum tempo a cada dia, interagir com um adulto que se dedica exclusivamente a ela. Quanto mais novas forem as suas crianças, mais esta ideia é importante.

Os adultos podem brincar e conversar com a criança, ensinar os nomes das partes do corpo, fazer cócegas, estimular suavemente os movimentos de dedos, mãos, braços e pernas, fazer jogos de equilíbrio, cantar, ouvir a criança, inventar histórias, ensinar poesias, melodias e muitas outras coisas.



Essas interações entre um adulto e uma criança em particular podem ter uma duração de apenas alguns minutos e acontecem em situações de rotina como as refeições, a troca de fraldas ou o banho, as brincadeiras, as conversas, os momentos que vão se sucedendo naturalmente no dia a dia com seu grupo de crianças. Quanto mais intimidade você for ganhando com cada criança, mais facilmente perceberá os momentos em que será bom provocar uma interação desse tipo ou quando é melhor deixar a criança sozinha, ou brincando com as outras.



Os dois livros de Janine Lévy citados nas referências bibliográficas apresentam sugestões interessantes, fartamente ilustradas, de exercícios de descontração, de movimentos de ginástica e de estimulação que os adultos podem fazer com as crianças. O mais importante é que esse tipo de trabalho seja feito como uma brincadeira, em um contexto de carinho e confiança mútua, em que o ritmo e o jeito de cada criança é respeitado, evitando-se realizar qualquer exercício de forma mecânica e procurando deixar cada criança cada vez mais à vontade com seu próprio corpo.

Existem várias outras propostas de ação, como a "massagem para bebês" (ver o livro de Leboyer sobre Shantala) ou a "psicomotricidade relacional" (de André Lapierre), que buscam, entre outros objetivos, melhorar a qualidade das relações entre adultos e crianças. Nós sugerimos que você e o seu centro de educação estejam sempre abertos a esse tipo de programas, que permitem uma melhora de todo o ambiente e um desenvolvimento mais saudável das crianças.



Quanto mais novas as crianças, mais importantes são, em sua rotina, as atividades como a alimentação e os cuidados com a higiene. Esses momentos podem ser especialmente bem aproveitados para buscar um enriquecimento das trocas, a adaptação ao jeito e aos ritmos de cada criança em particular. Isso é fundamental para o desenvolvimento das crianças pequenas.

Nas atividades de rotina, é importante respeitar o desejo de autonomia das crianças que começam a fazer coisas como querer comer ou se vestir sozinhas. Esses esforços podem ser valorizados e, assim, estaremos ajudando a criança a desenvolver sua iniciativa e a construir uma imagem positiva de si própria.

Vale a pena lembrar que existem diferenças muito grandes de criança para criança e que é importante buscar respeitar essas diferenças, não tentando impor o mesmo tipo de comportamento a todas na mesma idade. Por exemplo, algumas crianças querem comer sozinhas aos dois anos, outras não antes dos três; algumas começam a controlar seus intestinos muito antes de outras.

Você é a pessoa que melhor conhece essas diferenças entre as crianças e, usando o seu bom senso, pode decidir quando é hora de incentivar a criança a agir sozinha (por exemplo, dando-lhe uma colher) ou quando ela precisa de ajuda. Um conselho que os psicólogos dão é o de procurar sempre **valorizar as iniciativas e as conquistas de cada criança**, em vez de insistir sobre suas dificuldades ou de chamar a atenção quando acontecem eventuais regressões a comportamentos que a criança já tinha superado.



Muitas vezes, as crianças reagem mal a eventos como a separação dos pais, uma nova gravidez da mãe, a morte de um animal de estimação e várias outras mudanças em sua vida familiar. Situações como essas podem influenciar o comportamento da criança, tornando-a mais retraída ou agressiva. Nessas horas, o adulto pode procurar conversar com a criança sobre a sua tristeza, dar a ela uma atenção especial, deixar que ela brinque à vontade e, principalmente, procurar mostrar **compreensão** para a criança.

Isso não acaba com o problema da criança, mas certamente o fato de se sentir o alvo das atenções de um adulto que fala com ela, que a deixa brincar e que demonstra compreensão pode facilitar a superação das dificuldades.



Resumindo

O mais importante é que cada criança possa ter, muitas vezes, a experiência de ser alguém único e especial, alguém que tem um nome, uma identidade, um jeito único de ser e que conta muito para você.



Sugestão 3

Permitir que as crianças chupem o dedo e usem chupetas, paninhos ou seus brinquedos favoritos, nos momentos de insegurança

Desde muito cedo, as crianças começam a chupar o dedo ou chupetas e se apegam a objetos, como os paninhos ou cobertores. Alguns bebês de sete meses chegam a passar até quatro horas por dia chupando o dedo e esta atividade é normal em muitas crianças até por volta dos três anos.

Algumas crianças chupam o dedo, em certas situações de tensão, até por volta dos seis anos de idade. Outras começam diretamente a usar chupetas. Muitas, em torno dos três anos, trocam o dedo ou a chupeta por um paninho, um travesseiro, um bichinho de pelúcia ou pelos mais diferentes objetos, reais ou até mesmo imaginários. Outras não trocam a chupeta por outro objeto. Muitas abandonam hábitos como esses aos três ou quatro anos, enquanto outras só vão fazer isso lá pelos seis ou sete anos.

As diferenças individuais entre as crianças são muito grandes para podermos falar em comportamentos típicos de cada faixa etária. Cada criança tem uma evolução diferente.



Chupar o dedo, uma chupeta ou esfregar uma fralda de pano no rosto são atividades que a criança realiza para se acalmar em momentos em que ela se sente muito excitada ou insegura. Essas atividades aparecem, muitas vezes, justamente quando a criança se separa da mãe ou de outro adulto querido (quando vai dormir, quando é deixada na creche, etc.). Elas ajudam a criança a manter as boas lembranças do relacionamento com os adultos que partiram. Nesses momentos difíceis elas também podem ajudar a criança a adaptar-se a um mundo novo. Essas atividades podem tornar-se mais complexas à medida que a criança cresce.



Muitas vezes, no dia a dia de um grupo de crianças, acontece de uma criança parar de brincar e começar a chupar o dedo ou a chupeta. Essa criança pode estar precisando de atenção do adulto. Esse pode ser um bom momento para tentar dialogar carinhosamente com a criança, sem insistir, porém, se ela preferir permanecer isolada.

Mesmo que achemos que uma criança passa tempo demais chupando o dedo ou agarrada a um paninho, não devemos desaprovar esse comportamento, nem tentar impedi-lo. Tentar combater esses hábitos servirá apenas para a criança se apegar ainda mais a essas atividades.

Só quando você sentir que a criança está realmente pronta para largar esse hábito, é que nós recomendamos que você tente, delicadamente, fazer coisas como tirar a chupeta de uma criança.

Com as crianças de mais de três anos que usam chupetas, podemos experimentar amarrar uma chupeta a um brinquedo ou objeto que oferecemos a ela, ou que ela já aprecia. Mas se ela não aceitar trocar a chupeta, é melhor não insistir, para não acabar criando um problema que não existe, pois o tempo quase sempre se encarrega de fazer a criança deixar esse hábito.

Além disso, com grupos de crianças de três a quatro anos, você pode criar algumas regras do tipo: "usar as chupetas apenas no começo da manhã e na hora de dormir". Isto poderá ser experimentado principalmente nos casos em que grupos inteiros de crianças de três, quatro ou mais anos passam muito tempo fazendo coisas como chupar os dedos ou chupetas, comportamentos que podem tornar as crianças muito dependentes e passivas. Mas mesmo nesses casos é preciso agir com cuidado e com delicadeza.



Usar chupetas ou ficar chupando o dedo são atividades que, embora não devam ser reprimidas, também não precisam ser incentivadas pelos adultos.

O uso de um brinquedo de estimulação colabora para liberar a criança desses hábitos muito passivos. Em alguns casos pode ser bom encorajar os pais de crianças pequenas que não usam nenhum objeto, para que ofereçam ou deixem a criança escolher um brinquedo para trazer quando vem ser deixada conosco. Podemos



"entrar no jogo" da criança, e conversar com seu ursinho, chamá-lo pelo nome que a criança escolheu, colocá-lo para dormir junto com a criança, etc.



Uma ideia interessante é que a sala tenha uma caixa ou um cesto em que as crianças que quiserem podem deixar seus brinquedos. Você pode incentivar brincadeiras em que cada criança irá fazer coisas como apresentar seu ursinho de pelúcia para o resto da turma. Com o tempo, é possível que muitas crianças comecem a trazer, para colocar em nossa "caixa de tesouros", outros brinquedos, e deixem seus ursinhos favoritos em casa...



Quando trabalhamos em creches em regiões "carentes", é comum vermos os mais diferentes tipos de objetos sendo usados pelas crianças para lembrar-se da presença materna. Chegamos a ver, em nosso trabalho no *Projeto Araucária*, inúmeros exemplos de crianças que traziam para a sala objetos como: panos de prato, pedaços de tecido de uma camisola da mãe, chumaços de cabelo materno, tampas de xampu, etc. Apesar de não serem brinquedos, esses objetos cumpriam uma função importante para as crianças que os utilizavam. É muito importante valorizar esse tipo de objetos, se você se deparar com situações semelhantes a essas...



O melhor modo de ajudar as crianças a abandonar ou a diminuir hábitos como o de chupar o dedo é oferecendo a elas **um ambiente rico em relações com os outros e em opções de atividades**. Conversar, oferecer novos brinquedos, convidar para participar de alguma atividade podem ser boas medidas para que, sem nem se preocupar com isso, a criança passe a se interessar por outras atividades, além de chupar o dedo, e por outros objetos que o seu brinquedo favorito ou seu "paninho".

Mas é bom lembrar que sempre podem existir momentos de separação, de doença, de tristeza, de excitação excessiva ou outros motivos que levam a criança a se consolar e a se controlar chupando o dedo, uma chupeta ou com seus objetos de estimulação.

Podemos e devemos respeitar esses momentos e oferecer apoio e compreensão para a criança, procurando levar em conta tanto a sua necessidade de conversar com um adulto quanto o seu desejo de permanecer sozinha.

Agindo com bom senso, você poderá sentir quando é o momento de respeitar uma criança que tem um comportamento desses e quando é apropriado buscar conversar com ela ou sugerir outros objetos e brincadeiras que possam motivá-la a mudar de atividade.



Resumindo

Hábitos como o de chupar o dedo, uma chupeta ou se agarrar a um objeto de estimulação são importantes para a criança, que pode se controlar por meio dessas atividades. Na grande maioria dos casos, esses hábitos são superados naturalmente, desde que os adultos não chamem demais a atenção para eles e se oferecerem às crianças um ambiente cheio de confiança e de motivação, com muitas chances de brincar e de dialogar com os outros.



Sugestão 4

Todos os funcionários podem ser amigos das crianças

Quanto mais novas as crianças mais elas precisam de relações afetuosas com os adultos. Uma das tarefas básicas de uma creche ou de qualquer instituição que trabalhe com crianças pequenas, tarefa essencial para todo o trabalho educativo, é a de dar às crianças as chances para dialogar e brincar com os adultos em um clima de confiança e carinho.

Você pode repartir essa agradável tarefa com as outras pessoas que trabalham em sua instituição.



Quem conhece a rotina de locais como as creches sabe o quanto funcionárias, como cozinheiras e faxineiras, podem contribuir para a criação de um bom clima, quando elas são amigas das crianças e se relacionam ativamente com elas no dia a dia. Não é raro que as crianças "adotem" alguns desses adultos e tornem-se muito ligadas a eles.

Podemos aumentar o número de vezes em que essas pessoas nos ajudam a fazer coisas como receber as crianças, sair para passear ou cuidar das outras crianças enquanto você desenvolve alguma atividade com um grupinho.

Podemos também pedir para que elas participem das discussões sobre o trabalho educativo. Por exemplo, muitas vezes essas pessoas conhecem uma grande quantidade de histórias, de cantigas e de jogos do nosso folclore. Essas atividades são excelentes para o desenvolvimento infantil.

Se algum funcionário tiver alguma habilidade especial, por exemplo para contar histórias ou para cantar, podemos convidá-lo sempre para brincar com as crianças. Outra sugestão é que esta proposta pedagógica, ou ao menos os 20 capítulos que formam a *História do Pequeno Reino*, seja lido por todos os funcionários que mostrarem interesse em conhecer nossas ideias.



Com as crianças mais velhas, podemos fazer visitas e entrevistas em que elas conheçam melhor o trabalho de todos os funcionários. Essas entrevistas podem ser feitas com as crianças brincando de assumir o papel de entrevistadores de televisão, o que pode ajudar a criar um clima descontraído, que favorece a expressão das crianças.

Para as crianças de mais de três anos de idade pode ser interessante conhecer o trabalho das pessoas que limpam, cozinham, consertam e poder ajudá-las de vez em quando. Quanto mais velhas as crianças, mais profundamente o trabalho feito pelos adultos pode ser explicado e mais ricos podem ser os diálogos das crianças com esses adultos.



Muitas vezes, a troca constante de funcionários acontece em instituições como as creches. Se isso acontece também em seu local de trabalho, é importante pensar que essas trocas podem ser difíceis para as crianças que se apegaram ao adulto que vai embora.

Nesses momentos, pode ser útil conversar honestamente com as crianças sobre a necessidade dessa pessoa ir embora, aceitar atitudes como a violência que pode aparecer nos jogos da criança, apresentar a pessoa que vai substituir a que partiu, deixar que as crianças mais velhas brinquem de fazer uma entrevista com esta nova pessoa, dar uma atenção especial para as crianças que eram mais apegadas aos adultos que partiram...

Podemos pedir a esses adultos para que mandem notícias, de vez em quando, para as crianças.

Receber uma carta, um e-mail ou uma mensagem de um ex-funcionário sempre será motivo de grande satisfação para as crianças podendo até, em alguns casos, aumentar o seu desejo de aprender a ler e a escrever.



Resumindo

Todos os funcionários de sua instituição podem ser envolvidos no trabalho educativo com as crianças.



Sugestão 5

Incentivar as interações entre as crianças

Vimos, nas quatro sugestões anteriores, como as interações com os adultos podem ser importantes para as crianças. Para encerrar esse bloco de sugestões, resta-nos falar de uma questão que é muito discutida nessa proposta pedagógica: a importância das **interações entre as crianças**.



Não é raro vermos crianças que se mostram perturbadas quando um adulto se aproxima, mas que brincam normalmente nos momentos em que ficam sozinhas com outras crianças.

Essas crianças ficam mais relaxadas quando o adulto se afasta e mostram interesse pelo que as outras crianças fazem. Elas nos indicam que um bom caminho para a adaptação parece ser a possibilidade de observar as outras crianças e de brincar junto com elas.

Com o tempo, a amizade com as outras crianças irá fazer com que essas crianças também se sintam cada vez mais à vontade e elas poderão inclusive começar a participar de atividades sugeridas pelos adultos.

Mesmo as crianças que se relacionam bem com os adultos têm muito a ganhar quando brincam com outras crianças. Por isso, uma boa sugestão para facilitar a adaptação e para motivar mais as crianças é a de oferecer a elas um ambiente que estimule as brincadeiras e as interações.

Uma sugestão muito interessante nesse sentido é feita por pesquisadores do *Cresas*, centro de pesquisas francês que é mencionado na Discussão Pedagógica 2. Esses pesquisadores sugerem que a organização de uma creche permita momentos em que as **crianças de diferentes idades possam brincar entre si**.

Por exemplo, na hora da entrada, um espaço pode ser arrumado para o café das crianças, enquanto outras salas são organizadas com materiais para as crianças poderem brincar. Uma sala pode ter bonecas, roupinhas, carrinhos e outros brinquedos; outra pode ter joguinhos de montar e encaixar, ou um "baú de fantasias", teatrinho de fantoches, material para desenhar, giz para desenhar no quadro, livros infantis, bacias com água e objetos para brincar e muitas outras opções.

Como discutimos nesta proposta, os materiais de sucata (como embalagens vazias, garrafas de plástico, bolas de meia e muitos outros) podem ser excelentes brinquedos. Por exemplo, caixas de papelão dos mais diferentes tamanhos motivam muitas brincadeiras interessantes, até mesmo entre bebês.

Cada sala pode ficar sob os cuidados de um ou mais adultos e as crianças são tratadas como convidadas especiais em cada sala, tendo o direito de entrar e sair quando quiserem. O adulto pode conversar com elas, incentivá-las a explorar e a brincar, prestar atenção em seus jogos, oferecer segurança e muitas outras coisas. Essa organização pode ser mantida por uma hora e meia ou mais, conforme o interesse das crianças e dos adultos.

Se não for possível organizar as coisas desse modo com suas crianças, não se preocupe. Poucos locais permitem que se incentive dessa maneira as interações entre as crianças de diferentes idades e esse tipo de organização exige um diálogo constante entre todos os adultos que recebem as crianças.

Talvez seja possível, pelo menos de vez em quando, experimentar organizar as coisas desse jeito, ou de forma parecida.

Mas, mesmo que você não possa seguir esta sugestão, ela serve para mostrar a importância das interações entre as crianças. Essa ideia de deixar crianças de diferentes idades brincarem juntas pode ser explorada em outros momentos, como em brincadeiras no pátio. Além disso, falamos muito, em toda a proposta, sobre como as interações podem ser altamente positivas, mesmo entre crianças com a mesma idade.



Quando deixamos que crianças de diferentes idades se misturem livremente, é comum que uma criança mais velha (com três anos ou mais) cuide de uma criança menor, conversando com ela, dando carinho... Esses momentos, que acontecem sem nenhuma imposição dos adultos, podem ser úteis para as duas crianças.

Algumas vezes, uma criança mais velha pode "exagerar", e querer ficar o tempo todo com um bebê, tirando a autonomia desse e ameaçando "sufocá-lo" com seus cuidados excessivos. Nestas situações, bastante raras, uma intervenção sua pode ajudar a criança mais velha a perceber a necessidade que o bebê tem de brincar sozinho ou com outros bebês, de explorar, de construir sua autonomia.



Muitas vezes, uma criança pequena tem um irmão mais velho ou um amigo numa sala próxima à sua e deseja ficar um tempo com ele. Outras vezes, são crianças mais velhas que decidem voltar um pouco para a sala das mais novas, para brincar e para ficar um pouco com um irmãozinho ou com sua antiga educadora. Muitas outras situações podem aparecer em que crianças trocam de sala. Podemos permitir essa circulação, pois normalmente são poucas as crianças que querem fazer uma troca.

A maioria das crianças volta sozinha para sua sala, depois de algum tempo. Em outros casos podemos decidir, usando o bom senso em cada situação, quando é hora de experimentar dar um "empurrãozinho" para que a criança volte para a sua sala. Talvez, em alguns casos, seja até aconselhável pensar em trocar algumas crianças de sala.



Além de permitir as brincadeiras em comum e a livre circulação entre as salas, você pode organizar muitos outros momentos especiais de interações entre crianças de diferentes idades.

Podemos fazer coisas como pedir a crianças mais velhas para que venham contar histórias ou ler alguns livrinhos com as mais novas; incentivar as crianças mais velhas a inventar e a produzir brinquedos para dar para as mais novas, usando materiais de sucata (por exemplo: com garrafas de plástico liso e transparente, pedacinhos de papel laminado, água e um pouquinho de álcool podemos fazer *aquaplays*; com barbante e copinhos de iogurte podem ser feitos "telefones", etc.); com as crianças maiores, pode ser criado um "correio" entre as salas, com as crianças trocando entre si desenhos, bilhetes, presentes, etc.; quando estiver sendo preparada alguma festa, as crianças de diferentes salas podem realizar juntas tarefas como decorar os ambientes, ajudar a preparar comidas simples, fazer convites e muitas outras coisas.



Resumindo

As interações entre as crianças são um dos elementos principais em seu processo de adaptação e de desenvolvimento. Uma das funções mais importantes dos adultos é a de criar as condições para as crianças brincarem e dialogarem entre si.

